

Cultura ao ritmo de afoxé

Rosália Lima

Afoxés são muito mais do que simples agremiações carnavalescas. São verdadeiros centros de cultura negra. O Alafin Oyó dá o exemplo.

Alafin Oyó em Iorubá pode ser traduzido como "Xangô de Oyó" já que Alafin é uma das denominações de Xangô e Oyó é o nome de uma cidade nigeriana onde reina o Alafin. Mas esse é também o nome de um afoxé fundado há três anos, em Olinda. A associação dos afoxés com o carnaval é quase inevitável, como também ao ritual do candomblé. Poucos sabem, porém, que os afoxés são sociedades sem fins lucrativos, regidas por estatutos e com objetivos bem definidos. No caso do afoxé olindense, nos seus três anos, tem procurado ir além das fronteiras de um simples afoxé e pretende tornar-se um centro de arte e cultura negra.

Usando as cores vermelha e branca em homenagem ao patrono Xangô, o Alafin realiza seus ensaios todos os domingos no Centro de Arte Popular de Olinda, atual sede provisória. Os ensaios iniciam com um ritual de louvação aos orixás, conforme a praxe. Esse ritual é chamado de "xirê" (louvação), quando são entoados os "orós" (músicas) ao som dos "tan-tans" (espécie de atabaques) tocados pelos "ala-bês" que são os músicos. Só após essa reverência aos orixás, são tocadas outras músicas, compostas pelos próprios integrantes do grupo, no ritmo "ije-xá".

O Alafin Oyó, hoje com cerca de 400 associados, pode-se afirmar que é o quarto numa mesma linha de sucessão e dissidências. O grupo original chamou-se "Ilê de África", extinto pouco tempo depois. Em seu lugar nasceu o "Axé Nagô", também extinto. Daí surgiu o "Ará Odé" (povo de Odé), mas por divergências internas, fundadores como Jorge de Moraes, Jorge Ribas e Severino Correia ou Lepê Correia, como é mais conhecido, entre outros, tornaram-se dissidentes e formaram o "Alafin Oyó", em 02 de março de 1986. Da ata de fundação constam 24 pessoas, embora Gilson Francisco Pereira (hoje membro do Alafin) afirma que o grupo inicial reuniu 50 pessoas.

AS NORMAS

Os estatutos dos afoxés são idênticos para todos os grupos. Eles são registrados oficialmente como associações carnavalescas, embora, logo no primeiro capítulo dos estatutos esteja dito que os objetivos são "louvar, através da música, cântico e ritual a religião e a cultura africanas no Brasil; divul-

gar para a sociedade e comunidade afro-brasileira a importância da tradição legada pelos ancestrais africanos e, ainda, promover atividades filantrópicas, educacionais e culturais".

Da primeira gestão, presidida por Jorge de Moraes, até a Comissão Administrativa responsável pelos destinos do afoxé até as eleições de março vindouro, muita coisa rolou. A começar pela abertura à participação de não negros, passando pelo afastamento da presidenta eleita para o biênio 88/90, por malversação de verbas, até a definição de projetos que ampliam as metas do afoxé.

Por trás do lado curioso ou exótico que aparentam os afoxés, o Alafin possui uma estrutura interna organizada por 19 diretorias, além das sete executivas, e desenvolve propostas bem audaciosas. É o caso, por exemplo, do projeto do "Alafin Mirim", concebido em junho de 88, embora só aplicado, de fato, por dois meses no final do ano passado.

Tudo começou com um convênio firmado com o Centro Luiz Freire, pelo qual o Centro indicava escolas suas conveniadas e os educadores do Alafin duas vezes por semana, desenvolviam atividades ligadas à cultura negra, com as crianças. Esse projeto recebeu do Centro uma subvenção de Cz\$ 247 mil (antigos), permitindo sua execução nos meses de novembro e dezembro/88. Mas, por malversação de verbas envolvendo a então presidenta, Lúcia Crispiniano, o projeto foi paralisado e a presidenta afastada.

Isso, contudo, não intimidou o Alafin e ele elaborou uma proposta (ainda aberta à discussão e sugestões, apesar de parte já estar em andamento) para um "Projeto de Cultura Negra". Se aplicado integralmente, o projeto vai extrapolar os limites do próprio afoxé. Começa por prever a realização periódica de festivais de música negra. O primeiro ocorreu em agosto último, quando foram se-



leccionadas 10 músicas para a gravação de um LP. Caso consigam, o Alafin será o primeiro afoxé em Pernambuco a gravar um disco.

Além disso, pretendem lançar livros sobre temas afins, como foi o caso de "Negritude Favelada", de Fernando Conceição, lançado em setembro. Paralelamente, está em andamento uma pesquisa para levantamento histórico da cultura negra. O Alafin é, também, o único afoxé pernambucano a ter seu próprio jornal. Trata-se de um tablóide de oito páginas, bimensal, editado por membros do grupo.

As metas ainda a alcançar são a criação de uma oficina para fabricação de instrumentos de percussão, a realização de mostras de filmes e vídeos versando sobre cultura negra, a organização de uma biblioteca e livraria com acervo específico (o espaço já foi cedido pela Diocese de Olinda, na Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos). Também tencionam alterar o currículo de ensino do 1º grau de Olinda para incluir matérias que tratem a questão do negro de forma realista e a aquisição de um espaço para implantação do "Centro de Arte/Cultura Negra", outro para a criação de um restaurante especializado afro-brasileiro, além de um para a montagem de estúdio de gravação semi-profissional.